

Beatriz Alcântara em *Livre Sintonia*

Márcio Catunda

Em *Livre Sintonia*, (Editora Labirinto, 2005) Beatriz Alcântara canta o tempo e o destino, - sem deixar de ser telúrica. O primeiro poema dá o tom do restante do livro: « Nada é nítido/nem a transparência/do vento/resiste à menor incandescência». Prenúncio da vertente primordial da sua poesia, estes versos de «Aparência» anunciam a metafísica implícita em cada texto. A temática existencialista se configura ao longo da obra, com matizes regionalistas e metalinguísticos. A incerteza e a fragilidade humana são uma constante na primeira parte de «Livre Sintonia», intitulada «Duração».

A recorrência à imagem da água é um elemento essencial nesse trecho do livro: a água representa a «felicidade em fuga» no poema «Ciclos». Os dias escorrem como água na chuva das horas. No poema «Sina de Poeta», a água fecunda inspiração na solidão do poeta. As palavras são gotas suspensas no firmamento da criação poética. «Passagem» ilustra sobremodo a reflexão da autora sobre a temporalidade efêmera do existir. «Aonde vão os que se foram? Somos todos passagem/vã construção de ódios e afetos». Essa tonalidade existencial incide na percepção de «enganosa ilusão» do poema «Acervo do Tempo»: «tangenciar o tempo/apontando o presente,/ ilusão» O homem, «criatura do tempo», se vê imerso em tanta vida atormentada/ ao jugo do inseguro». Há, nesses versos, uma ressonância das odes de Horácio e de Ricardo Reis, o heterônimo das reflexões sobre a fugacidade do instante. Com argúcia, detecta Carlos Augusto Viana, que há, permanentemente, na arte poética de Beatriz Alcântara, «um tom fugidío, oriundo talvez da consciência de que a beleza é trágica».

Nosegundocapítulodolivro, denominado Amor, um sentimento lírico por excelência permeia o imaginário de Beatriz Alcântara. O alento que suaviza a «noite de lutas» é «aragem suave de verão». Nessa dimensão de sua poemática, o elemento ar expressa a sua visão do amor. « Amantes do tempo celebram/ reencontro/ equilíbrio volátil» (Amar em Desafio). Amor é a leveza que suaviza as vicissitudes doloridas. É a força que resiste a vendavais, é claridade que «iluminou a noite,/noite de ventania». É, a um só tempo, fantasia e permanência. Idílio que flui como brisa. Corrente que cativa o vencedor. Num só verso: «ritual cheio de infinito».

Na parte final de seu livro (Terra), Beatriz exprime sua afeição ao Ceará, em imagens de vária policromia. A visão das dunas como «rendição e troféu do instável absoluto» revela a dimensão concreta do seu pensamento. A concepção da terra como tema alumbra a sua consideração a partir de diferentes perspectivas - da paisagística em que vislumbra os cajueiros, símbolo de flexibilidade e solidez, até à social, que denuncia a condição humana, infensa à injustiça, com no drama do «Caldeirão da Santa Cruz».

De resto, o universo sertanejo é retratado em cores lexicais: as cacimbas, os mandacarus, o vaqueiro a galope, o alpendre. Nesse ambiente de natureza e humanidade é que Beatriz Alcântara encontra o pólen das palavras, esse tesouro que sua obstinação procura sempre.

Mas além da visão telúrica do sertão, a autora se aventura na colheita de imagens marítimas. Fortaleza, sua (nossa) cidade, tem a fonte do mar de jangadas que se descortina no enlevo da poeta: «Jangada sem vela» representa a vida humana no poema «Mucuripe»: à risca do horizonte não te arriskas» ... esperas, por certo, novo destino no dorso das ondas». «Fortaleza, cidade mãe», é título de um de seus mais belos poemas: «a oito graus do Equador», a cidade é «capricho de sol e mar», espaço onde a poeta, em generoso afeto de fraternidade, augura ser alimento vital: «teto, pão, leitura, escrita e justiça».

Beatriz Alcântara preenche a alma das imagens da terra do sol, o luminoso berço alencarino. O vento Aracati está presente nas sensações que suscitam o recordar, e o doce encanto de um céu cristalino. Sua sensibilidade se nutre de emoções e aromas de maresia e da luz que acende os dias cearenses. Tais riquezas espirituais constituem a fluência configurativa de sua verve: tempo, amor e terra, conjugados, no seu mais recente livro, em objetiva síntese, como tem que ser a poesia.